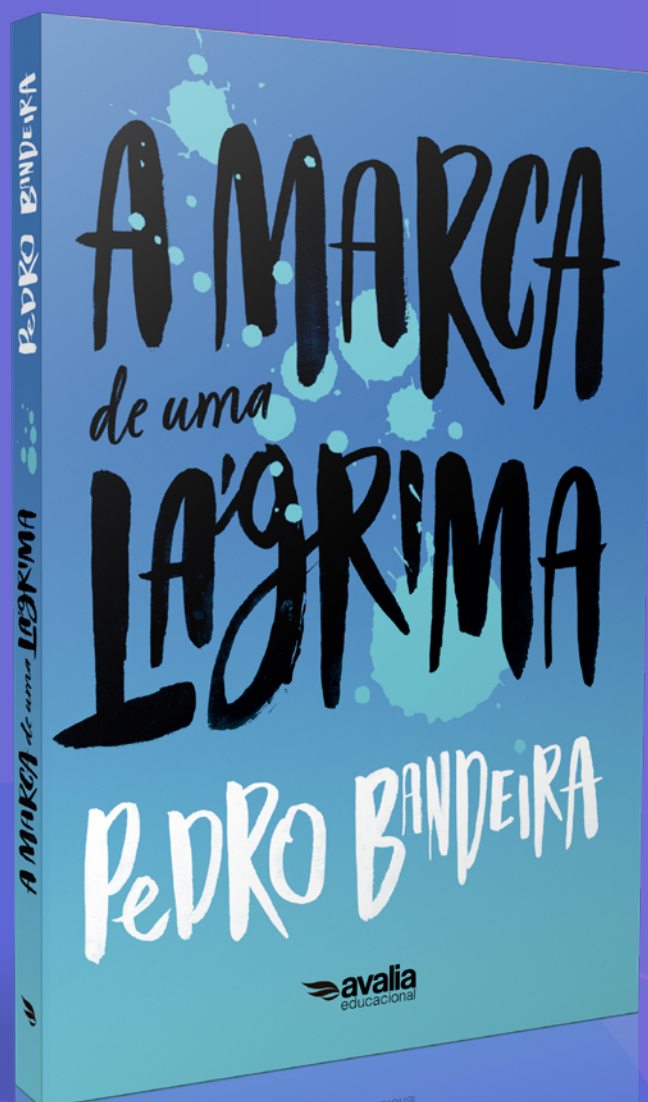


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR



A MARCA DE UMA LÁGRIMA

PEDRO BANDEIRA

avalia
educacional

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA
MARIA JOSÉ NÓBREGA
E SAMIR THOMAZ

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **25**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **44**



CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

*Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **A marca de uma lágrima**. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando a compreensão de seu funcionamento e a interpretação de seus efeitos.*

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ Meu livro de folclore, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² Bíblia de Jerusalém, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



PEDRO BANDEIRA, O AUTOR DE A MARCA DE UMA LÁGRIMA

Nascido em Santos em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras – safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A droga da obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

SOBRE A OBRA

Isabel, uma jovem inteligente e criativa de 14 anos, apaixona-se por seu primo Cristiano, que é apaixonado por Rosana, sua melhor amiga. Como seu amor não é correspondido, Isabel encontra um caminho para declarar-se a ele: escrevendo cartas de amor, que são assinadas pela amiga Rosana. Obcecada por esse sentimento, a adolescente nem se dá conta de Fernando, que a ama e está sempre por perto como um bom amigo.

O assassinato da diretora da escola muda os rumos dos acontecimentos, e Isabel corre risco de vida por ter testemunhado mais do que devia. No hospital, descobre seu verdadeiro amor por Fernando.

Adaptação moderna da obra *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, *A marca de uma lágrima* lembra os eternos desencontros amorosos, sintetizados no poema *Quadrilha*, de Drummond: Fernando ama Isabel, que ama Cristiano, que ama Rosana. Mas discute, também, o amor idealizado, sonhado por Isabel, e que não passa de uma quimera, de uma ilusão. E assim, entre lágrimas e dores de amor, Isabel finge para si mesma o amor que deveras sente.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia, Arte, Biologia.

Competências Gerais da BNCC: 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório Cultural; 7. Argumentação; 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação.

Temas: Inquietações das Juventudes; A vulnerabilidade dos jovens; *Bullying* e respeito à diferença; Protagonismo juvenil; Ficção, mistério e fantasia.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1

FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

As atividades de **pré-leitura** mobilizam a análise global do texto (a partir do título, da capa, dos elementos paratextuais, das ilustrações — se presentes), estimulando predições bem como a mobilização dos conhecimentos prévios necessários ao entendimento da obra.

PRÉ-LEITURA

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, consultar o sumário, ler a quarta capa, observar as imagens e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipografia e tamanho).
2. Apresente a obra à classe. Informe aos alunos que eles vão ler *A marca de uma lágrima*, de Pedro Bandeira. Pergunte se já leram algum livro de Pedro Bandeira, se conhecem o autor e se sabem alguma coisa sobre o assunto do livro. Indague se já ouviram falar de Cyrano, protagonista da peça *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, obra na qual o autor se inspirou para escrever *A marca de uma lágrima*.

- 
3. Analise com os estudantes a capa do livro, feita por Isabela Jordani e Rafael Nobre. O que o título *A marca de uma lágrima* sugere sobre o enredo? A que marca o autor estaria se referindo? Como seria a *marca* de uma lágrima? Com base nesse primeiro contato com a obra, organize com os alunos uma lista das impressões e das sensações que foram suscitadas pelos elementos da capa.
 4. Chame a atenção dos estudantes para a dedicatória do livro. Peça que observem para quem o autor dedica a história. O que a dedicatória revela? Por fim, pergunte: Por que a maioria dos escritores, ao escrever uma história, a dedica a alguém?
 5. Apresente aos alunos o sumário do livro e, com base nos nomes dos tópicos e capítulos, estimule-os a criar hipóteses sobre o que irão ler. Pergunte se algum nome lhes chamou a atenção e por quê.

6. Explique aos alunos que o texto que aparece no lado de trás do livro é chamado de texto de quarta capa. Com base nas informações contidas nesse texto, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito do enredo da obra.
7. Comente com os estudantes que o gênero a que o livro pertence, *novela*, não tem relação com as conhecidas novelas de televisão. Explique que, em geral, a novela literária (como é o caso de *A marca de uma lágrima*) é considerada uma história intermediária entre o conto (uma narrativa curta) e o romance (uma narrativa longa), mas que, às vezes, uma novela pode ser chamada de romance, não havendo um critério rigoroso para essas classificações.

As **atividades de leitura** implicam a compreensão do conteúdo temático com a seleção das informações relevantes para a construção de uma síntese e para a checagem das previsões feitas antes da leitura, para confirmá-las, reformulá-las ou refutá-las.

LEITURA

1. Chame a atenção dos estudantes para o fato de que o texto é narrado em terceira pessoa e o narrador conta a história conhecendo o que se passa na mente de todos os personagens. Explique que é isto o que possibilita ao narrador criar as situações fictícias e estratégicas de modo a conduzir a trama de acordo com os seus propósitos narrativos. Deixe claro, no entanto, que essas regras variam e costumam ser quebradas pelos escritores, nem sempre sendo seguidas rigorosamente por eles.
2. Lembre aos alunos que a obra foi lançada pela primeira vez em 1985, portanto, em uma época em que não existiam as tecnologias da informação que temos hoje. Indague: o que isso significa, no que diz respeito à história? Que marcas socioculturais, históricas, linguísticas esse fato deixa na obra? O que o enredo teria de diferente caso a obra fosse escrita na época da internet e das redes sociais? Que pistas sinalizam que a história não se passa em nossa época? Em que trechos isso fica evidente? Questione os estudantes sobre o porquê de certos modos de falar caírem em desuso com o tempo. Leve-os a compreender que a língua é um elemento vivo, em constante transformação, em razão das mudanças socioculturais pelas quais toda sociedade passa.
3. Instrua os estudantes a observar as atitudes dos personagens ao longo da

história. Leve-os a fazer críticas ou elogios ao comportamento deles e a explicar o porquê de sua opinião. Que atitude de Isabel, segundo eles, é digna de elogio ou de crítica? Por quê? E de Cristiano? E de Fernando? E quanto às professoras Virgínia e Olga?

4. Estimule os estudantes a verificar se algumas das possibilidades levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro estão sendo confirmadas pela leitura. Acompanhe a leitura deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando da história, se a obra lhes agrada, se a leitura é fácil ou difícil. Faça comentários estratégicos levando-os a intuir como o autor, por meio do narrador, constrói dinâmicas intertextuais. Elas fazem referência a aspectos socioculturais, históricos, linguísticos, sociológicos, filosóficos, científicos e econômicos sobre a época em que se passa a história e constroem o tecido da narrativa, explicitando situações e ocultando outras, dando margem à dúvida para manter o interesse do leitor.
5. A história de Isabel, embora seja uma novela de amor e de suspense, é também a história de um problema de relacionamento entre pais e filhos. Isabel é uma adolescente solitária. Seus pais são separados e quase não têm tempo para ela. Problemатize

a relação da personagem com a família. Pergunte se algum dos alunos se identificou com os conflitos e as incompreensões entre Isabel e sua mãe ou seu pai. Converse com eles a esse respeito. Questione os alunos sobre o tratamento dado pela mãe de Isabel à filha. Do mesmo modo, pergunte sobre o pai da menina. O que poderia ser condenável em seu comportamento? Sempre pedindo aos estudantes que justifiquem suas respostas.

6. Recomende aos alunos que observem alguns aspectos que fazem parte da composição fictícia da novela. A começar pelo nome dos personagens. Um exemplo é o personagem Brucutu. O que a pronúncia de seu nome revela? A sonoridade sugere suavidade ou rudeza? Por quê? No entanto, devemos confiar na sensação que a sonoridade de um nome sugere? Será que, ao fazê-lo, não estaríamos incorrendo em preconceito, que, como o nome indica, é um "pré-conceito" sobre alguma coisa, ou seja, um juízo sobre ela antes de conhecê-la? Continuando a observação, o fato de ele ser enorme e ter mãos enormes também não poderia nos induzir, como leitores, ao mesmo "pré-conceito" anterior, afinal, que mal há em ser "enorme" ou ter "mãos enormes"? Por fim, o fato de ele ter sido carcereiro cria que imagem para os leitores? Peça que expliquem.

Comente com os alunos que a ideia dessa atividade não é exatamente analisar o personagem Brucutu, mas a forma como o narrador cria expectativas no leitor sobre seus personagens. Peça

que opinem a respeito da composição desse e de outros personagens da história. Ao final da leitura, volte a esse questionamento e indague: Quais personagens confirmaram aquilo que o narrador afirmou ou sugeriu na primeira vez que apareceram na história? Quais surpreenderam os alunos? Quais os frustraram? Pergunte se eles imaginaram um destino diferente para alguns dos personagens. Quais? Por quê?

7. Por se tratar de uma novela que envolve um mistério, principalmente na parte final, estimule os estudantes a adotar uma postura investigativa similar à de Isabel e de Fernando, buscando indícios do que pode haver nas entrelinhas da história. Provoque-os pedindo hipóteses do que pode ter acontecido com dona Albertina. Será que eles são bons leitores-detetives? Comente que a famosa dupla de romance policial *Sherlock Holmes* e seu assistente *Watson*, criada pelo escritor inglês Arthur Conan Doyle, pode simbolizar o comportamento do leitor do gênero: o tipo Sherlock deslinda a trama antes ou com os detetives ficcionais; o tipo Watson só compreende a trama depois que o caso revelado é explicado. Converse com os estudantes, com base em suas deduções, sobre como a turma se saiu na investigação.
8. Chame a atenção dos estudantes para um aspecto presente no livro: a valorização da ética, da virtude, da amizade, da beleza, da justiça e do amor entre os principais personagens. Peça que identifiquem uma passagem em que um desses atributos humanos é evidenciado.

As **atividades de pós-leitura** promovem a reflexão sobre o conteúdo temático ou expressivo da obra a partir de outras referências que permitem identificar diferentes perspectivas possíveis para o tema, estimulando uma resposta crítica que pode envolver vários níveis de complexidade ou gerar novas perguntas, que enriquecem e transformam a experiência leitora.

PÓS-LEITURA

1. Em uma roda de conversa, discuta com os alunos a respeito da história e da experiência de leitura que tiveram. Estimule-os a falar, fazendo as seguintes perguntas: Sentiram-se desafiados pela trama? Conseguiram perceber o mal-entendido que levou Isabel a se iludir com Cristiano? Conseguiram observar as entrelinhas da história ou suspeitar do que havia por trás do crime cometido contra dona Albertina? Quais foram os métodos empregados pelos personagens para tentar revelar o enigma? Alguém se identificou com Isabel? E com Fernando ou Cristiano? E com Rosana? Instigue-os a justificar por que se identificaram com determinado personagem, levando-os a analisar aspectos humanos diversos, como os éticos, os sociais, os psicológicos, os físicos, entre outros. Quem pode dizer, em poucas palavras, o que acontece na história? Qual é, na verdade, o tema principal do livro? Quais são os temas secundários? Quais são as conclusões que podemos tirar do final da história? Finais como o dessa novela costumam sempre acontecer, ou se trata de um final "literário", de "conto de fadas", distante da vida real? Por quê? Por fim, pergunte sobre quais são as conclusões que podemos tirar da história.
2. Pergunte aos estudantes, informalmente, qual foi a cena da história de que mais gostaram ou

aquela que mais os emocionou. Peça que justifiquem a escolha. Questione-os quanto à validade da arte (um livro, um filme, uma canção, uma obra de arte, uma escultura, um balé, um grafite etc.) como forma de conscientizar as pessoas sobre questões sociais importantes ou sobre o conhecimento do mundo e de si mesmas.

3. Isabel conversa com frequência com seu espelho, a quem o narrador chama de "inimigo" da garota, pois lhe diz as verdades mais duras sem medir palavras: Na página 13, a garota perde a paciência com o espelho:

“– Cale a boca!”

Pergunte aos alunos se eles também têm uma voz interior, um "inimigo", que lhes diz coisas que não gostariam de ouvir. Questione os alunos se o espelho pode ser visto como a consciência da menina. E por que o narrador o chama de "inimigo"? Indague ainda: É melhor encarar a realidade ou fugir dela? Peça que justifiquem as respostas.

4. Em uma roda de conversa com a turma, pergunte aos alunos que artifícios narrativos o narrador usou para despistar a verdadeira autoria do crime. Escreva na lousa os artifícios lembrados pelos alunos e peça que discutam cada um deles, tentando decifrar a que suspeita equivocada o narrador quis levá-los ao inserir esses artifícios na narrativa.

Leve-os a perceber, enfim, o arsenal de possibilidades de que o narrador dispõe, de acordo com sua capacidade de imaginação, para criar o suspense da história e manipulá-lo ao seu bel-prazer.

5. Isabel sente-se feia, acima do peso, ridícula e não acredita em seu poder de sedução. Para piorar as coisas, o alvo de sua paixão, embora o negue, no fundo dá muito valor à beleza física. Indague aos alunos: Vocês acham que Isabel era realmente obesa ou gorda, como ela dizia de si mesma? Acreditam que era uma menina feia, como se achava? Por que ela se autodepreciava tanto? Acreditam que os “padrões de beleza” impostos diariamente pelos meios de comunicação de massa ou indústria cultural (telenovelas, cinema) e pela propaganda têm a ver com a baixa autoestima de Isabel? Vocês concordam que existe uma “ditadura” desses “padrões de beleza”?
6. Leve os leitores a perceber que, a partir da terceira parte do livro, depois que a autoria do assassino de dona Albertina é revelada, o narrador usa o recurso da retrospectiva para explicar a razão ou as razões do crime e de que modo as várias situações e diálogos descritos levaram os envolvidos (e os leitores!) a ficar confusos e mesmo a suspeitar de pessoas inocentes, como a professora Olga. Pergunte aos alunos se, depois de saberem quem matou dona Albertina, a história ficou menos interessante ou se diminuiu o suspense. Indague por que eles acham que isso acontece; afinal, um suspense não se soluciona com a revelação do criminoso – no caso, da criminosa? Que atributo humano faz os leitores, apesar de descoberto o principal mistério, lerem a história até a última linha? Que habilidades

ou defeitos percebem no narrador para que ele consiga (ou não) esse efeito sobre os leitores?

7. Pergunte a eles o que o depoimento de Pedro Bandeira, no final do livro, agregou à leitura de *A marca de uma lágrima*. O que eles acharam das declarações do autor de que a personagem Isabel virou a filha que ele não teve? Pode um personagem significar tanto na vida de um autor a ponto de se transformar quase em um ser humano? O que isso revela da paixão de um autor pela literatura e por suas obras? E da força da própria literatura como mobilizadora de sentimentos?
8. Ainda na parte Autor e obra, que traz uma foto de Pedro Bandeira, chame a atenção dos alunos para a explicação do autor sobre como nasceu a ideia de escrever *A marca de uma lágrima*. Ele declara que o livro é uma adaptação moderna da obra *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand. É bem provável que os estudantes não conheçam essa obra, mas eles já podem, com base nos comentários de Pedro Bandeira, levantar alguns dados sobre ela: o argumento – a história de um espadachim feio e narigudo que escreve cartas de amor para sua amada em nome de seu rival; o nome de dois outros personagens – Roxane e Cristiano; o gênero – peça de teatro.

Pergunte se já leram obras literárias que foram inspiradas em outras, não necessariamente do mesmo gênero. Em caso afirmativo, peça que mencionem a obra. A mesma pergunta pode ser feita com relação a filmes, peças de teatro, séries, HQs. Aprofunde o questionamento perguntando se são válidas essas transposições, adaptações ou “releituras”. Que elementos do texto original devem ser preservados?

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

2

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram³.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressentam da “verdade de mentira” que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem

³ BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os contamina dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

As atividades de pré-leitura mobilizam a análise global do texto (a partir do título, da capa, dos elementos paratextuais, das ilustrações – se presentes), estimulando predições bem como a mobilização dos conhecimentos prévios necessários ao entendimento da obra.

PRÉ-LEITURA

LÍNGUA PORTUGUESA Para que os estudantes conheçam previamente a obra que inspirou *A marca de uma lágrima*, sugira a eles que assistam na internet à primeira adaptação para o cinema da peça *Cyrano de Bergerac* escrita em 1897 por Edmond Rostand. É possível assistir à produção norte-americana de 1950, em preto e branco (legendada na internet, tradução de Ceronte), com direção de Michael Gordon e Stanley Kramer, ou o *trailer* legendado do filme *Cyrano de Bergerac*, em produção francesa de 1991, que traz o ator Gérard Depardieu como Cyrano, dirigido por Jean-Paul Rappeneau (na internet, os estudantes podem encontrar algumas cenas do filme).

Trailer de Cyrano de Bergerac (1991)

Disponível em: <<http://mod.lk/cyrano>>.

Cyrano de Bergerac (1950)

Disponível em: <<http://mod.lk/cyrano2>>.

As **atividades de leitura** implicam a compreensão do conteúdo temático com a seleção das informações relevantes para a construção de uma síntese e para a checagem das predições feitas antes da leitura, para confirmá-las, reformulá-las ou refutá-las.

LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Alguns poetas são mencionados em vários momentos da novela. Indague aos alunos: Quem são eles? O que escreveram?
Organize a turma em grupos, de maneira que cada equipe se encarregue de pesquisar um dos autores citados. A tarefa é levantar alguns dados biográficos do autor, relacionar o que há dele na biblioteca e ler um poema ou um trecho do que tenham escrito.
2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Releia com a classe os poemas escritos por Isabel. Comente que são poemas singelos, nos quais a garota fala de amor em versos rimados, em geral, com sete sílabas poéticas, bem ao gosto da tradição popular. Divida a turma em duplas e, se julgar produtivo, organize com os alunos um torneio de trovas de amor.
3. **FILOSOFIA** Logo no início da história, podemos ler este trecho, que discorre sobre beleza, um tema recorrente no romance:

“– Que cheiro bom, Rosana! Que perfume você está usando?

– Deixe de besteira, Isabel. É o mesmo que o seu.

Rosana estava linda, como sempre. Linda como de propósito para humilhar Isabel.” (p. 18)

Comente com os estudantes que a beleza, ou melhor, o belo, que aparece caracterizando alguns personagens da história, é um dos temas estudados pela Filosofia. Explique que, inicialmente, o grande questionamento sobre o belo era se a beleza estaria nas coisas em si, ou se nossa mente (nosso olhar) é que construiria o sentido do que achamos belo.

Para dar concretude a essa questão abstrata, pergunte se algo que eles acham bonito (uma pessoa, uma obra de arte, um animal, um objeto, uma paisagem, uma dança, um gol etc.) possui a beleza em si mesmo ou se é o olhar deles que os faz ver aquilo como feio ou bonito. Peça que justifiquem suas respostas.

As **atividades de pós-leitura** promovem a reflexão sobre o conteúdo temático ou expressivo da obra a partir de outras referências que permitem identificar diferentes perspectivas possíveis para o tema, estimulando uma resposta crítica que pode envolver vários níveis de complexidade ou gerar novas perguntas, que enriquecem e transformam a experiência leitora.

PÓS-LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Abra uma roda de conversa com a turma e pergunte aos alunos se Isabel idealizava Cristiano, ou seja, criava uma imagem do menino influenciada pelas lentes de sua paixão. Após ouvir as respostas, questione: Como saber se quando nos apaixonamos por alguém estamos idealizando a pessoa ou a enxergando pelos meios racionais? Existem parâmetros seguros para verificar isso? Você pode indagar de outro modo: Se olharmos as pessoas por meio da razão, será que nos apaixonaríamos pela pessoa alvo de nosso interesse? Nesse sentido, seria por essa causa que Isabel não conseguia se apaixonar por Fernando?

Com base nessa discussão aparentemente sem uma resposta definitiva, peça aos estudantes que escrevam uma dissertação cujo mote vem de um filósofo francês do século XVII, chamado Blaise Pascal: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”.

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Isabel não escreve só poemas para Cristiano, que são entregues por Rosana, mas também cartas. Comente com os estudantes que a história da literatura contém algumas obras que são feitas apenas de cartas, e que essas obras são chamadas de epistolares, palavra que vem de *epístola*, que significa “carta”. Solicite aos alunos que, em grupos,

pesquisem algumas obras epistolares e as comentem em sala de aula.

A título de curiosidade, pergunte aos estudantes se esse tipo de literatura ou de escrita seria possível nos dias de hoje, com os *e-mails* e aplicativos de mensagens rápidas. Indague: O que se ganhou e o que se perdeu com as atuais formas de comunicação entre as pessoas?

3. **LÍNGUA PORTUGUESA** Isabel gosta de lembrar a história de amor entre Abelardo e Heloísa; Fernando prefere mencionar a história de amor de Fernando e Isabel, reis da Espanha. Que tal saber quem foram Abelardo e Heloísa, esse famoso par de namorados da literatura, cuja história se baseia em fatos reais? Sugira aos estudantes a leitura de *Correspondência de Abelardo e Heloísa*, de Paul Zumthor, publicado pela Editora Martins Fontes.

Comente que o romance *Tristão e Isolda*, de Joseph Bédier, também publicado pela Martins Fontes, é um exemplo de amor cortês. Nessa história, os jovens amam-se perdidamente; no entanto, quando juntos, estão separados, e quando separados, estão juntos. Instigue-os a procurar essa obra para saber mais sobre ela.

4. **LÍNGUA PORTUGUESA** Explique aos alunos que um dos recursos usados pelos escritores para criar suspense em suas histórias é interromper a narrativa

em um momento de grande tensão, deixando uma cena suspensa, aguçando assim a curiosidade do leitor, levando-o a querer saber o que aconteceu na sequência, mantendo-o preso à narrativa. Comente que Pedro Bandeira faz isso de forma explícita em vários momentos. Pergunte aos alunos se o recurso funcionou com eles, ou seja, se ficaram curiosos para saber o que tinha acontecido e o que imaginaram enquanto não souberam.

5. **LÍNGUA PORTUGUESA** Provoque os estudantes perguntando a eles se um escritor de ficção é um mentiroso. A pergunta poderá parecer estranha e até zombeteira. Depois de ouvir a opinião deles, comece a desconstruir a imagem do senso comum que eles têm de um autor de ficção. Pergunte, problematizando o assunto: O que os escritores de ficção escrevem é de verdade ou de mentira? Por que acreditamos nas histórias que escrevem, sabendo que são de mentira? Por que precisamos sair da realidade e entrar no mundo da fantasia? Em meio a essas reflexões, peça que mencionem uma história de ficção de que gostaram – pode ser um romance, uma novela (literária ou de televisão), um filme, uma série, uma peça de teatro, uma HQ. Indague sobre que sentimento a história provocou neles. Em seguida, questione se o que sentiram era de verdade ou de mentira. A ideia é conduzi-los à percepção de que, quanto mais um autor tiver o poder de nos fazer acreditar em uma verdade que sabemos ser de mentira, ou seja, quanto mais ele nos fizer esquecer a realidade e mergulhar na história de ficção que está sendo contada, a ponto de nos emocionar (até

às lágrimas, muitas vezes) ou de nos divertir, maior será o seu talento como ficcionista – ou como “mentiroso”. Por fim, pergunte se, ao final da leitura de *A marca de uma lágrima*, Pedro Bandeira conseguiu fazê-los acreditar na história que foi contada e por quê.

6. **LÍNGUA PORTUGUESA** Atente para estas afirmações da escritora Ana Maria Machado, em um texto que fala das potencialidades da leitura de ficção:

As narrativas de ficção possibilitam que as crianças tenham contato com outras realidades além da sua e vivenciem coisas muito diferentes daquelas que seu cotidiano lhes oferece. Isso permite que projetem seus temores e seus desejos, adquiram experiências emocionais que as ajudem a crescer. Permite também que saiam de si mesmas, indo além dos limites emocionais de cada um. Propicia oportunidades para que se identifiquem com os outros, sintam solidariedade e compaixão, admiração e carinho por pessoas que nem conhecem (e que muitas vezes são apenas imaginárias, puros personagens), mas nem por isso as emoções que trazem são menos intensas. Ou que enfrentem medos, vergonhas e sentimentos difíceis, sem precisar passar por elas de verdade.

MACHADO, Ana Maria, Uma ponte entre grandes e pequenos. In: *Uma rede de casas encantadas*, p. 14-15, São Paulo: Moderna, 2012.

Com base neste trecho, crie estratégias para sondar se as potencialidades mencionadas por Ana Maria Machado, ou ao menos parte delas, foram alcançadas pelos alunos após a leitura de *A marca de uma lágrima*, de Pedro Bandeira.

7. **BIOLOGIA** A personagem Dona Albertina era obesa. Comente com os alunos

que a obesidade é, antes de tudo, uma questão de saúde. Sugira a eles que, em grupos, façam uma pesquisa sobre esse tema. A divisão dos grupos pode ser feita de acordo com os problemas que envolvem a obesidade, mediante pesquisa feitas pelos próprios alunos. Monitore a discussão, porém, para que não venham à tona ideias pejorativas, ofensivas ou preconceituosas sobre a obesidade.

8. **FILOSOFIA** Com base no amor que Isabel alimentou por Cristiano ao longo da história, solicite aos alunos que busquem saber o que significa e de onde surgiu a expressão “amor platônico”, aquele amor cultivado em segredo, mais espiritual do que físico, que faz parte da vida de muitos adolescentes. Peça ainda que respondam se já sentiram amor platônico por alguém, descrevendo essa sensação em seguida: é algo bom ou ruim? Peça que expliquem suas respostas.

9. **FILOSOFIA** Isabel vive um conflito de consciência na história, do qual o leitor fica sabendo por meio do seu fluxo de pensamento.

Pergunte aos alunos se eles já viveram algum tipo de conflito de consciência. Explique que isso acontece quando não temos certeza sobre que decisão tomar diante de uma situação que, de algum modo, exige uma escolha. Comente que nossa vida é feita de escolhas, e que dilemas éticos ou de consciência só são possíveis porque somos dotados de liberdade para decidir, uma vez que somos humanos. Por essa razão, Isabel pondera todas as consequências entre falar o que sabe

ou ficar em silêncio, ou entre ficar com Fernando ou com Cristiano.

10. **SOCIOLOGIA** As teorias da professora Olga sobre educação subliminar são mencionadas e detalhadas no enredo: “– Sei. Olga discutia certas teorias de forçar pacientes a aprender sem pensar, induzidos por métodos subliminares. [...]” (p. 196)

Questione os alunos: É possível aprender alguma coisa sem pensar? Algo que se aprende ou se conquista sem trilhar “o caminho das pedras” tem valor?

11. **SOCIOLOGIA** Solicite aos alunos que releiam esta fala do pai de Isabel: “– Aí está. Eu entendo dessas coisas. Nada como uma tarde de compras para mudar o humor da minha garotinha. É um presente extra do papai. Procure uma loja elegante e compre alguma coisa bem bonita.” (p. 145).

Questione os alunos: Como se sentiriam se estivessem no lugar de Isabel? O que acham que a menina esperava do pai naquele momento? E vocês, consideram-se consumistas? Por quê? É possível se vigiar para não ter um comportamento consumista? De que maneira? Quais são as consequências do consumismo das pessoas para elas próprias, para a sociedade em que vivem e para o planeta?

12. **SOCIOLOGIA** Em alguns momentos da história, a personagem Isabel cogita colocar um fim à própria vida, amargurada pelo amor não correspondido de Cristiano. Solicite aos estudantes que, em grupos, coletem na imprensa eletrônica e na mídia impressa reportagens sobre o aumento

de casos de suicídio no Brasil e no mundo, principalmente entre jovens, e tragam para discussão em sala de aula. A pesquisa deve investigar questões como: O que estaria por trás desse ato? Quais são as principais causas constatadas de suicídio? Quais são os sinais mais comuns e as formas de prevenção ao suicídio? Quais são as melhores formas de agir e quais são as campanhas que têm sido feitas sobre o assunto? Sonde os alunos (se achar pertinente, pois trata-se de um assunto bem delicado) sobre se tomaram contato de algum modo com algum caso em que alguém, jovem ou não, tirou a própria vida. Procure identificar os pontos que mais tocam os alunos sobre o tema, conduzindo o debate do ponto de vista deles próprios, uma vez que são adolescentes, e aproximando a conversa do enredo do livro que acabaram de ler, sobretudo dos sentimentos de Isabel.

13. **ARTE** Promova, se possível, a audição das músicas a seguir, ou de parte delas. As canções podem ser exploradas de diversas maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática:
- a) podem servir de tema de redação, na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra;
 - b) podem ser objeto de discussão em sala de aula;
 - c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre algum tema explorado no livro.
- Se possível, peça aos estudantes que tragam de casa a letra da canção impressa. Estimule-os a buscar informações sobre os compositores e intérpretes, além dos gêneros musicais apresentados. Você encontra mais informações sobre as canções na seção *Sugestões de*

Referências Complementares, mais adiante neste material.

Piscar o olho, de Tiê.

Disponível em: <<http://mod.lk/tie>>.

Amor I love you, de Marisa Monte e Carlinhos Brown.

Disponível em: <<http://mod.lk/marisa>>.

Monte Castelo, de Renato Russo com Legião Urbana.

Disponível em: <<http://mod.lk/legiao>>.

Flores em você, de Edgard Scandurra com a banda Ira!.

Disponível em: <<http://mod.lk/ira>>.

Menor abandonado, de Cazuza e Frejat com a banda Barão Vermelho.

Disponível em: <<http://mod.lk/cazuza>>.

14. **ARTE** Cristiano pede a Isabel que escreva cartas por ele para impressionar Rosana. Comente com os alunos que o hábito de escrever cartas para outra pessoa não é tão incomum quanto possa parecer. Sugira aos alunos que assistam ao filme *Central do Brasil*, que mostra pessoas ditando suas cartas, escritas por terceiros pelos mais variados motivos, inclusive cartas de amor.

Outro filme que aborda um tema parecido é *Shakespeare apaixonado*. No final do século XVI, o jovem Shakespeare está sofrendo um bloqueio criativo: não consegue escrever uma linha. Quando conhece a nobre e bela Viola, apaixona-se imediatamente e começa a recuperar a inspiração.

Central do Brasil. (Brasil/França, 1998).

Direção de Walter Salles. Duração: 1h53min.

Shakespeare apaixonado. (EUA, Reino Unido, 1999). Direção de John Madden. Duração: 2h3min.

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

NOVELA

Há quem defina a novela, de forma simplista (sem que esse simplismo se distancie necessariamente da verdade), como uma narrativa menor do que o romance em número de páginas (e, por extensão, maior do que um conto). Como base para comparação, o romance é uma narrativa em prosa, geralmente longa com vários personagens que vivem diferentes conflitos e cujos desfechos se cruzam. Ele coloca em cena problemas de relações humanas, mas não necessariamente amorosas, como pode sugerir o sentido mais usual da palavra romance. Além disso, ele pode apresentar diferentes temas e contextos, por isso é possível falar de romance histórico, romance policial, romance de aventuras etc. De fato, se tomarmos novelas como *A metamorfose*, de Franz Kafka, ou *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, a primeira impressão que teremos dessas obras, antes mesmo de começarmos a lê-las, é que se trata de narrativas de pequeno fôlego, com base na pequena “grossura” dos volumes, perceptível pelo contato tátil.

No entanto, se verificarmos obras como *O alienista*, de Machado de Assis, ou *Bartleby, o escrivão* (ou *o escriturário*, depende da tradução), de Herman Melville, que modernamente são classificadas como novelas, mas que, originalmente, são definidas como contos, teremos noção das controvérsias que envolvem as fronteiras do que é uma novela literária em relação ao romance e mesmo ao conto. Sem contar que, para confundir um pouco mais as coisas, hoje em dia, quando se fala em novela, a primeira noção para a qual o senso comum nos leva é a das conhecidas novelas de televisão.

Levando em conta essas discussões, para as quais em geral o leitor comum passa ao largo – ele quer apenas ler uma boa história, seja romance, novela ou conto –, a novela pode ser definida, *grosso modo*, como uma narrativa articulada em torno de um pequeno número de personagens e de conflitos – na maior parte das vezes um conflito move toda a história. A limitação dos conflitos e dos personagens, no entanto, não são necessariamente proporcionais à densidade da carga narrativa, que, a despeito da necessidade de um desfecho relativamente rápido, pode ser mais intensa do que um alentado romance.

Outra definição possível é a de que a novela é composta de capítulos ou unidades não autônomas, mas que estão interligados: cada um traz em si certas motivações que serão depois desenvolvidas nos capítulos seguintes e assim por diante, numa sucessão que manterá a atenção e a curiosidade do leitor e levará ao epílogo. Um exemplo típico de novela que apresenta essa estrutura é *D. Quixote de la Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, publicada no início do século XVII.

Também aqui, no entanto, temos polêmicas. Há um certo consenso entre os estudiosos de que a obra de Cervantes inaugura o romance moderno na história da literatura. Isso significa que esse livro rompeu certos paradigmas que vinham das novelas de cavalaria, a forma preferida dos leitores daquela época até então – haja vista a fanática admiração do personagem Dom Quixote pela figura do cavaleiro andante, um personagem típico desse tipo de história. Mas como Dom Quixote pode “inaugurar” o romance moderno sendo uma novela? Eis a polêmica.

Quando se diz que a obra de Miguel de Cervantes “inaugura” o romance moderno, ainda que seja “oficialmente” uma novela, se quer dizer que ela traz elementos novos à *forma de narrar*. Essa forma de narrar criou um “modelo” de contar histórias que será incorporada, nos séculos seguintes, à forma de se contar uma história literária. Essa forma de se contar uma história conhecerá o seu apogeu no século XIX, com o francês Gustave Flaubert – que escreveu romances, novelas e contos – e os romances e novelas de folhetim. *A marca de uma lágrima*, de Pedro Bandeira, a novela juvenil que os alunos leram, é herdeira dessa forma de contar histórias, que nasceu com *Dom Quixote*.

Para concluir, é preciso dizer que a discussão sobre o que é romance, novela e conto envolve também a forma como uma obra é construída e apresentada ao público. A definição de que a novela é composta de unidades não autônomas interligadas pode ser problemática se não levarmos em conta a forma como houve isso que estamos chamando de “interligação”. O conhecido romance *Vidas secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, publicado na primeira metade do século XX, nasceu como unidades autônomas e só depois foi organizado em um volume único, ao qual o autor conferiu certa organicidade narrativa. É só um exemplo, entre muitos. Portanto, tão importante quanto a leitura da obra em si mesma é a curiosidade, prévia ou posterior à experiência do contato com a história, do aluno para que tenha uma compressão que extrapole o mero enredo, e do professor, para que possa explorar as potencialidades da obra como produto do engenho criativo humano, influenciado por sua época, mas que vai muito além dela.

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]"

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]"

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irredutível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. **SOCIOLOGIA** Solicite aos estudantes que revejam as referências aos contos de fada *O príncipe e o sapo*, no capítulo A sombra de um pesadelo, e *A bela adormecida* e *Branca de Neve*, no capítulo Não há salvação. Apesar de inteligente e boa aluna, Isabel é uma garota romântica sonhadora, perdida em sonhos com príncipes encantados. Discuta com os alunos as mudanças do comportamento feminino nas últimas décadas em relação à iniciativa das conquistas amorosas: hoje, em geral, as garotas não aguardam passivamente que alguém se interesse por elas, elas tomam a iniciativa e possuem mais autonomia tanto para agir quanto para recusar, quando é o caso.

Outra questão que perpassa a história de Isabel é o sentimento de posse nas relações, tão enraizado em nossa cultura e tão estimulado pelas novelas, filmes e músicas românticas, que influencia várias gerações. Atualmente, em uma perspectiva crítica, esse sentimento vem sendo considerado um dos responsáveis pela violência contra as mulheres, que, em sua consequência mais extrema, tem levado muitas delas à morte. Relembre para os alunos a fala de Rosana, na página 129:

“– Somos um homem e uma mulher, Isabel. Perdidamente apaixonados um pelo outro. Isso basta.”

Em uma roda de conversa, problematize as relações amorosas com os alunos, sem tirar, porém, o encantamento que as pessoas sentem quando estão apaixonadas ou são amadas por alguém. Deixe claro – e eles certamente sabem disso – que o amor entre duas pessoas, principalmente se correspondido, é um dos sentimentos mais prazerosos que um ser humano pode experimentar. Mas que o amor não combina com uma relação abusiva, em que há desrespeito e sentimento de posse, mas com liberdade para deixar o companheiro ou a companheira livre, inclusive para não continuar a relação, caso um deles assim o deseje. Provoque-os a esse respeito, fazendo perguntas como: Vocês já viveram uma relação em que havia sentimento de posse? Como se sentiram? Vocês se controlam para que o amor não se transforme em sentimento de posse pela outra pessoa? O que pensam sobre o ciúme? Como fazer para preservar a liberdade da pessoa que amamos?

Diante dessas ponderações e indagações, peça que emitam uma opinião crítica sobre a relação entre Cristiano e Rosana, Isabel e Cristiano e, por fim, entre Isabel e Fernando. De que atitudes eles gostaram? Que atitudes reprovaram? Em que momento a relação foi abusiva e em que momento identificaram respeito pela liberdade do outro? Peça que expliquem suas respostas.

2. **SOCIOLOGIA** A obesidade já foi discutida neste encarte, com ênfase no ponto de vista da medicina e da saúde. Agora, vamos focar no ponto de vista da sociologia. Antes de abrir uma roda com a turma para um debate, solicite dos alunos que releiam este trecho, da página 55, em que Isabel divaga e se autodeprecia, uma situação frequente na história:

“Idiota que fui. Pensar que Cristiano pudesse se apaixonar por mim, por mim, a gorducha...”

Questione os estudantes sobre se podemos dizer que Isabel praticava contra si mesma o que atualmente é chamado de “gordofobia”, o preconceito contra pessoas obesas. Comente com os alunos que, nos anos 1980, década em que a obra foi lançada, não havia a crítica contra a verbalização desse tipo de preconceito, bem como não se recriminava a discriminação contra mulheres, negros, homossexuais, entre outras categorias humanas historicamente reprimidas e depreciadas – ou, para usar um termo da antropóloga e historiadora Lília Moritz Schwarcz, “as maiorias minorizadas”⁴.

Indague aos alunos se, aos olhos da sociedade de hoje, com o olhar crítico e com o realinhamento de posturas agora consideradas condenáveis, as quais permeiam as relações sociais, os meios de comunicação, o mundo do trabalho etc., quais críticas poderiam ser feitas ao comportamento de Isabel, não apenas em relação à sua suposta “gordofobia” – que não era só sua, pois, se ela recriminava a si mesma por ser gorda devia recriminar as pessoas que também tivessem essa compleição física –, mas também às outras formas de diversidade humana ou “diferenças” que não se enquadrassem no seu “modelo de perfeição”.

⁴ SCHWARCZ, Lillian Moritz: *Maiorias minorizadas: a democracia do Brasil como “mal entendido”*. *Nexo Jornal*. Disponível em: <http://mod.lk/nexojorn>.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

PARA O ALUNO

> LIVROS

BÉDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*. 5. ed. Trad. Luiz Castro de Castro e Costa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

História lendária que se passa na região da Cornualha, na Irlanda, narra o amor trágico entre o cavaleiro Tristão e a princesa irlandesa Isolda.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de Bolso)

Nesta obra, o escritor italiano Italo Calvino (nascido em Cuba, mas levado à Itália logo após o nascimento) comenta com aguda percepção alguns dos autores mais importantes da tradição literária do Ocidente, mesclando gosto pessoal com nomes fundamentais do cânone literário universal, como Stendhal, Balzac, Flaubert, Tolstói e Borges. Calvino ainda fornece subsídios para compreender a controversa indagação sobre por que uma obra é considerada um clássico e por que lê-la, em ensaios que começaram a ser escritos no início da década de 1980 e até sua morte, em 1985.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Pequena obra introdutória pelos caminhos da literatura, da ficção e de seus elementos constituintes.

LLOSA, Mario Vargas. *Cartas a um jovem escritor*. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. (Coleção Carta a um jovem...)

Obra escrita em linguagem coloquial por um dos grandes escritores da atualidade, prêmio Nobel de Literatura em 2010, o peruano Mario Vargas Llosa aconselha em capítulos temáticos um imaginário jovem escritor que está dando os primeiros passos na literatura, fornecendo dicas importantes nascidas da vasta experiência de Llosa com a escrita de romances, novelas e contos.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Cartografia da leitura elaborada por Ana Maria Machado, premiada escritora brasileira, que nesta obra apresenta aos jovens leitores um passeio apaixonado pelos textos clássicos da literatura universal.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Nessas cartas, escritas entre 1903 e 1908, publicadas pela primeira vez em 1929, o poeta alemão Rainer Maria Rilke dá conselhos ao jovem poeta tcheco Franz Xavier Kappus, abordando temas ligados à produção poética, mas também a temas existenciais, como a solidão, o sexo, Deus, a necessidade de escrever, com base em sua experiência como poeta e ser humano.

ZUMTHOR, Paul. *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Nesta obra, Paul Zumthor, historiador e linguista suíço, especialista em Idade Média, comenta as cartas entre Pedro Abelardo, filósofo e professor, e Heloísa de Argenteuil, sua aluna. Eles acabam se apaixonando e se envolvendo em uma história de amor proibido que acaba em tragédia.

FILMES

A escolha de Sofia. (EUA, 1982). Direção de Alan Pakula. Duração: 1h53min.

O filme mostra o drama de Sofia, mulher polonesa filha de pai antissemita, que se encontra presa em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial e é forçada a fazer uma difícil escolha que afetaria profundamente sua vida.

Central do Brasil (Brasil/França, 1998). Direção de Walter Salles. Duração: 1h53min.

Esse premiado filme conta a história de Dora, professora aposentada que ganha a vida escrevendo cartas para pessoas analfabetas na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

Shakespeare apaixonado (EUA/Reino Unido, 1999). Direção de John Madden. Duração: 2h3min.

O dramaturgo inglês William Shakespeare, autor de *Hamlet* e de *Romeu e Julieta*, precisa escrever uma nova peça de teatro, mas está com bloqueio criativo e necessita que uma musa lhe traga de volta a inspiração. Essa musa é Lady Viola, graças à qual ele consegue escrever *Romeu e Julieta*.

Cyrano de Bergerac (França, 1990). Direção: Jean-Paul Rappeneau. Duração: 2h15min.

Cyrano de Bergerac, poeta e hábil duelista, foi objeto de muitos trabalhos de ficção feitos sobre sua vida, nos quais é sempre retratado com um grande nariz. Na história, ele se apaixona por Roxane, mas tem vergonha de sua aparência. Ao perceber que não teria chances com Roxane, Cyrano resolve ajudar Christian (um jovem que também a amava, mas que não possuía o dom da palavra) a conquistar a mão da donzela.

> CANÇÕES ~

Piscar o olho, de Tiê.

Canção lírica com um eu poético feminino que descreve os sentimentos de alguém que percebe a chegada da paixão e se deixa levar por esse sentimento, mas dando a entender que já teve experiências amargas com o amor (“dessa vez não tive medo...”), e por isso se cerca de cuidados.

Disponível em: <<http://mod.lk/tie>>.

Amor I love you, de Marisa Monte e Carlinhos Brown.

Música impregnada de muito romantismo, de um eu lírico que não cabe em si de paixão e que passar as horas envolvida, quase sufocada pelo amor.

Disponível em: <<http://mod.lk/marisa>>.

Monte Castelo, de Renato Russo com Legião Urbana.

Canção cuja letra tem origem em um soneto de Camões e ao qual o músico Renato Russo conseguiu combinar uma melodia que resultou em uma grande apologia ao amor, digna desse sentimento e fiel ao tom bíblico que a letra possui.

Disponível em: <<http://mod.lk/legiao>>.

Flores em você, de Edgard Scandurra com a banda Ira!.

A letra de Edgard Scandurra mostra um eu lírico reflexivo, que faz uma espécie de inventário de seus sentimentos, como costuma acontecer às pessoas apaixonadas, e conclui que vê flores na pessoa amada. O arranjo da melodia, no qual sobressai o som do violino, sugere um clima de música clássica, que só empresta mais romantismo à canção.

Disponível em: <<http://mod.lk/ira>>.

Menor abandonado, de Cazuza e Frejat com a banda Barão Vermelho.

Em tom bem humorado, o eu poético da letra revela sua carência amorosa e revela aceitar qualquer coisa ("*migalhas dormidas do seu pão; raspas e restos me interessam*") para sair desse estado de abandono.

Disponível em: <<http://mod.lk/cazuza>>.

> REPORTAGENS ↘

CANCIAN, Natália. Obesidade volta a crescer no país e atinge maior índice em 13 anos. *Folha de S.Paulo*, 25 jul. 2019.

Reportagem que traz números atualizados (até 2018) sobre a obesidade, seus problemas e suas consequências para a população.

Disponível em: <<http://mod.lk/obesidad>>.

LIVROS

PARA O PROFESSOR

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução do grego e do latim Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

Coletânea de obras clássicas que estão na origem dos estudos literários sobre a ficção e seus elementos de composição.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Seis conferências de Umberto Eco ministradas na Universidade de Harvard, em 1993, sobre o texto de ficção, leitura, leitores e literatura.

JOUE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Confissão nascida da experiência prática do romancista Milan Kundera, na qual ele discute os aspectos centrais do romance.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UNB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

PAMUK, Orhan. *A mala do meu pai*. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Em três discursos – incluindo o da cerimônia do prêmio Nobel de Literatura –, o escritor turco Orhan Pamuk fala do papel do escritor na atualidade e investiga seu processo criativo em busca de uma chave que explique a literatura e o fascínio que ela exerce.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TEZZA, Cristóvão. *O espírito da prosa – Uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Cristóvão Tezza, romancista e ensaísta brasileiro contemporâneo, faz nessa obra uma autobiografia com foco em sua formação como escritor e nas subjetividades que cercam o ofício de escrever.

TEZZA, Cristóvão. *Literatura à margem*. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

Sete conferências do romancista Cristóvão Tezza sobre a criação literária, as fronteiras entre a ficção, a biografia e o ensaio, e os sentidos da ficção no mundo contemporâneo.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

ARTIGOS

RIBEIRO, Alex. *Cyrano de Bergerac*. Cia. de Teatro Assisto Porque Gosto.

Neste artigo, o ator, psicólogo e poeta faz um texto apaixonado da estreia da peça *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, em 1897, e do enredo, com ênfase no protagonista.

Disponível em: <<http://mod.lk/bergerac>>.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

LIVROS

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Neste livro, Harold Bloom, um dos principais críticos literários da atualidade, convida o leitor a uma saborosa viagem por grandes obras da literatura universal, como *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, *Crime e castigo*, de Dostoiévski, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Hamlet*, de Shakespeare, entre muitas outras.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, s.d. (Série Debates: Literatura)

Ensaio de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, importantes nomes na formação de sucessivas gerações de estudantes de Letras e de Artes. A obra traz atualidade nas análises e na discussão crítica das modernas leituras estéticas, que tocam campos do saber como a linguística e a filosofia, entre outros.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor e professor Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, “ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

RODRIGUES, Sérgio. *O homem que matou o escritor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Selo Objetiva).

A obra parte da premissa de que, se todas as histórias do mundo já foram escritas, é hora de “matar o escritor”. Por meio de seus requintados contos, o autor sugere as novas tendências literárias do século XXI (a obra foi lançada no ano 2000): “vertiginosa

como a vida urbana; afiada como uma memória RAM; reflexiva, como esses dias de cão; chula e erudita, dominando todas as situações; humorada, porque sem a graça a vida é muito chata”. Embora composto por contos, o livro de Sérgio Rodrigues pode ser enquadrado em várias outras categorias, como policial, metalinguístico, drama, comédia e farsa.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo, Perspectiva, 1996. (Série Debates: Crítica)

Com base no tema da ambiguidade humana, Anatol Rosenfeld, um dos maiores críticos brasileiros, revela as conexões entre a literatura, o teatro, a poesia, o cinema e a pintura, estabelecendo painéis críticos que ainda hoje impressionam por sua originalidade e inovação.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 3. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Perspectiva, s.d. (Série Debates: Literatura)

Obra de grande utilidade para quem estuda literatura, apresenta as teses dos formalistas russos e do estruturalismo linguístico, fornece ao leitor ferramentas para descobrir as estruturas subjacentes nas narrativas, trazendo reflexões da ótica da linguística contemporânea.

WOOD, James. *A coisa mais próxima da vida*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Os textos desta obra de James Wood, professor da Universidade de Harvard e ensaísta na revista *The New Yorker*, buscam identificar e comentar as relações entre literatura e realidade, discorrendo sobre temas como religião, morte, exílio, detalhe, mostrando de que modo a literatura percorre todos esses âmbitos da experiência humana.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Professor de crítica literária na Universidade de Harvard e conhecido por seus brilhantes ensaios na revista *The New Yorker*, nesta obra, o inglês James Wood (radicado desde os anos 1990 nos Estados Unidos) esmiúça os meandros da ficção e questiona os limites entre artifício e verossimilhança, entre outros elementos fundamentais do texto ficcional.

ARTIGOS:

NEVES, Cynthia Agra de Brito. “Slam” é a voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos. *Jornal da USP*, 23 nov. 2017.

Neste artigo, Cynthia Agra de Brito Neves, professora da Universidade de Campinas (Unicamp) apresenta a poesia *slam*, também chamada de *poetry slam*, uma nova modalidade de poesia, falada, criada nos anos 1980, em Chigado, Estados Unidos, e que chega ao Brasil reivindicando a cultura jovem, popular e negra.

Disponível em: <<http://mod.lk/slam>>.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 23 out. 2020).